



INCLUSÃO DE GÊNERO E RAÇA NA TI: Vivências, desafios e caminhos para a diversidade.

Dayane N. M. Ferreira¹; Vanessa L. de Souza²; Emily M. Ferreira³; Daniela A. G. Dias⁴.

RESUMO

A desigualdade de gênero na área de Tecnologia da Informação (TI) é uma realidade, com mulheres negras enfrentando a falta de inserção nas empresas. A não representatividade limita o potencial do setor, que precisa de uma diversidade de perspectivas para desenvolver soluções inclusivas e inovadoras. Este estudo, baseado em relatos de quatro mulheres negras integrantes de um grupo de estudo e extensão do IFSULDEMINAS - *Campus* Machado evidencia as dificuldades encontradas por elas em relação à falta de influências, acesso a oportunidades e reconhecimento. O estudo serve como um chamado à ação para a criação de políticas inclusivas que promovam a igualdade de oportunidades e possibilitem a participação plena de mulheres negras na área da tecnologia.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Racial; Tecnologia; Computação.

1. INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero na área de Tecnologia da Informação (TI) é um tema de discussão crucial em diversos contextos. É fundamental abordarmos a questão racial, especialmente a sub-representação e a falta de inserção de mulheres negras nesse setor.

De acordo com Ribeiro (et al. 2019), infelizmente, ainda não existe um programa que reúna exatamente todos os dados sobre o panorama das mulheres na área de tecnologia no Brasil. Apesar disso, o estudo de análise de raça e gênero na área da TI, SOUZA (2017, pág 5), chega a conclusão que a distribuição por cor e sexo da linha histórica brasileira indica que o percentual de mulheres brancas é muito superior ao de mulheres negras. Enquanto em 1980 o campo de TI contava com 17,5% de mulheres brancas, havia 1,3% de mulheres negras, em 2010 é possível visualizar uma pequena diminuição que não chega a 1% de mulheres brancas (16,8%) na área, enquanto as negras aumentam a participação em 3% (4,3%). Essas lacunas não apenas perpetuam a exclusão, mas também impactam diretamente o ambiente empresarial, onde a diversidade de perspectivas é muitas vezes negligenciada, refletindo o desenvolvimento tecnológico.

Conforme McKinsey & Company, empresas com maior diversidade de gênero e raça têm 50% mais chance de aumentar a rentabilidade e 22% de crescer a média da margem de LAJIDA (Lucro antes de Juros, Impostos Depreciação e Amortização), conforme análise de 700 empresas em seis países latino-americanos. A variedade de especialistas contribui para o desenvolvimento de

¹ Discente, IFSULDEMINAS – Campus Machado. E-mail: dayane.nubia@alunos.ifsuldeminas.edu.br

² Discente, IFSULDEMINAS – Campus Machado. E-mail: vanessa.luiza@alunos.ifsuldeminas.edu.br

³ Discente, IFSULDEMINAS – Campus Machado. E-mail: emily.ferreira@alunos.ifsuldeminas.edu.br

⁴ Orientadora, IFSULDEMINAS – Campus Machado. E-mail: daniela.dias@ifsuldeminas.edu.br

produtos e serviços mais inclusivos, capazes de atender a um público mais amplo e a falta de representação, diversidade de gênero e raça na TI não apenas marginaliza grupos específicos, mas também resulta em uma limitação do potencial criativo e inovador do setor. Esses dados reforçam que a inclusão vai além da justiça social, sendo um fator determinante para a evolução tecnológica e empresarial.

O crescimento exponencial da área tecnológica, impulsionado pelo processo de globalização, torna ainda mais urgente a discussão sobre a inclusão de mulheres, especialmente as negras, no mercado empresarial. As palavras de Maya Angelou ecoam essa necessidade: 'O preconceito é um fardo que confunde o passado, ameaça o futuro e torna o presente inacessível'. A construção de uma sociedade mais equitativa e justa depende da superação dessas barreiras, promovendo oportunidades iguais para todos, independentemente de gênero ou raça.

Iniciativas como o PretaLab, um site brasileiro que conecta mulheres negras à tecnologia e a oportunidades de emprego em empresas, têm demonstrado que capacitar e incentivar a participação desse grupo no setor contribui para a redução da desigualdade e a criação de ambientes mais diversos e inovadores.

Este trabalho tem como objetivo apresentar as vivências reais de mulheres negras no mercado de tecnologia, tendo em vista a escassa quantidade de estudos documentados sobre o tema, o que nos traz uma sensação de invisibilização aos profissionais que atuam na área.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para explorar a experiência das mulheres negras na tecnologia, optou-se por coletar relatos de vida de um grupo de mulheres negras da área, com idades e formações variadas. As participantes foram selecionadas com base em suas histórias de envolvimento com a tecnologia, abrangendo diferentes níveis de atuação, desde bolsistas até professoras com experiência consolidada.

Um formulário foi elaborado para que as participantes pudessem responder questões como: “Como foi o primeiro contato com o mundo da tecnologia da informação?”, “Quais oportunidades que surgiram ao longo do caminho?” e “Quais foram os desafios enfrentados?”.

O formulário em questão foi enviado para as integrantes negras de um grupo de estudo e extensão do Campus Machado, Meninas Digitais, que tem por objetivo manter, informar e atrair as meninas para a área da informática, através de rodas de conversas, capacitações, e ministração de minicursos voltados para a área.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Como resultado da entrevista, têm-se o depoimento de quatro mulheres negras, iniciando por uma aluna que relata a seguinte vivência:

“ [...] não me sinto representada como mulher negra na tecnologia, pois, durante o ensino técnico e a graduação, nunca tive uma professora negra que me ensinasse matérias voltadas para a área tecnológica. No entanto, me sinto realizada por ser essa referência para os alunos de escolas periféricas que atendo como instrutora do grupo de robótica do *Campus*. Levo à eles a inspiração que me faltou.”. (21 anos, bolsista de um projeto fomentado pela FAPEMIG, cursando Bacharelado em Sistemas de Informação)

O depoimento acima evidencia a ausência de mulheres negras em posições acadêmicas na área da tecnologia perpetua a sensação de falta de representatividade e inspiração para as estudantes negras. Paralelo a isso uma professora da área de administração do *Campus* foi entrevistada:

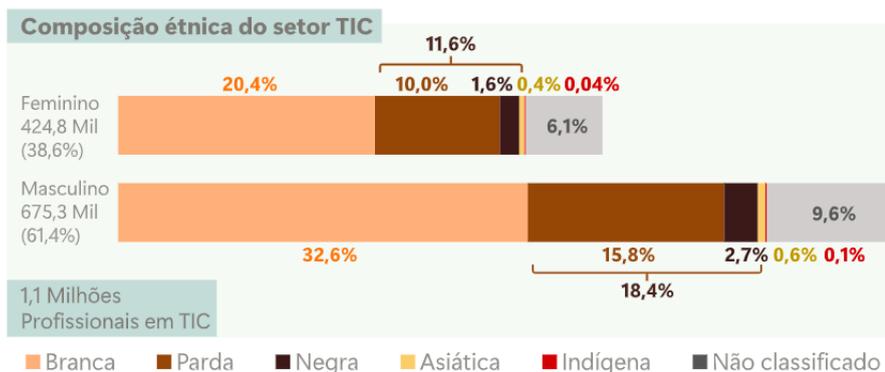
“[...] Ainda está longe do ideal, mas é bem mais aberto à diversidade de gênero e raça. [...] Acho muito importante levar projetos como a Meninas Digitais para as escolas da periferia e mostrar a representatividade para essas meninas negras. [...] (59 anos, Administradora, Professora, Secretária Bilíngue)

O depoimento demonstra que apesar de avanços, ainda é necessário promover iniciativas que incentivem e representem mulheres negras na tecnologia desde a infância. O terceiro depoimento revela que a falta de representatividade em cargos elevados no setor de TI evidencia a exclusão das mulheres negras e a necessidade de políticas inclusivas para diversificar esses espaços.

“[...] Na minha realidade, vejo o protagonismo da mulher negra como algo um pouco distante, já que no meu estágio nas áreas de TI, sou a única negra no ambiente. Em cargos mais altos, é comum encontramos mulheres brancas, e essa falta de representatividade me faz refletir sobre o motivo de não haver mais pessoas como eu ocupando esses espaços. [...] (22 anos, bolsista em uma instituição educacional, cursando Bacharelado em Sistemas de Informação)

Essa realidade é possível ser analisada (Figura 1) na composição étnica na tecnologia no Brasil, apenas 1,6% de mulheres negras estão nesse ramo.

Figura 1 - Composição Étnica do Setor TIC



Fonte: <https://brasscom.org.br/> relatório de diversidade 2022

No último depoimento coletado, finaliza que a tecnologia pode ser uma poderosa ferramenta para promover a educação e ações sociais, mas é crucial que mais mulheres negras tenham oportunidades de ocupar cargos significativos para inspirar futuras gerações.

“Meu interesse por tecnologia começou na infância, quando ganhei meu primeiro videogame, mesmo ouvindo que isso era coisa de menino [...] admiro a luta pelos direitos das mulheres e uso a tecnologia como meio de promover ações sociais e a educação. Um dos meus desejos é ver mais mulheres negras ocupando bons cargos políticos e educacionais, pois acredito que é pela educação que tudo começa.” (20 anos, ex-streamer, gamer, profissional de Marketing, cursando Graduação em Ciências Biológicas e Técnico em Gestão de Vendas.)

4. CONCLUSÃO

A partir dos relatos, conclui-se que a presença de mulheres negras no setor de tecnologia ainda enfrenta grandes desafios, tanto pela falta de representatividade, quanto pela perpetuação de estereótipos raciais e de gênero. Essas mulheres, embora enfrentem barreiras significativas, demonstram resiliência e determinação para ocupar espaços e criar um impacto positivo.

Capacitar e apoiar mulheres negras na tecnologia deve ser entendido como uma estratégia política de inclusão e de um reconhecimento sistemático de contribuições essenciais para a evolução do setor, e não apenas como uma questão de justiça social.

Como Djamila Ribeiro afirma: "Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa." Trabalhos como este, que investigam as vivências das mulheres negras na área da tecnologia, devem diminuir, enquanto aumenta o número de inovações e conquistas realizadas por elas.

AGRADECIMENTOS

Ao IFSULDEMINAS Campus Machado pelo apoio concedido e ao GAPE Meninas Digitais que nos incentiva a realizar projetos cada vez mais necessários.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, M. *Eu Sei Por que o Pássaro Canta na Gaiola*. Trad. Regiane Winarrski. Bauru: Astral Cultural, 2018.

DE SOUZA, Tatiele Pereira. A desigualdade de gênero no campo da tecnologia da informação. **Seminário Internacional "Fazendo Gênero"**, v. 11, 2017.

MCKINSEY & COMPANY. *Diversidade importa: América Latina*. <https://www.mckinsey.com/br/our-in-sights/diversity-matters-america-latina> . acesso em setembro de 2024.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* 1.ed. São Paulo: Letramento, 2017. p. 112.

Ribeiro, K., Azevedo, J., Maciel, C., & Bim, S. (2019). *Uma análise de gênero a partir de dados da Sociedade Brasileira de Computação*. In Anais do XIII Women in Information Technology, (pp. 159163). Porto Alegre: SBC. doi:10.5753/wit.2019.6729